

LEITORES E ENAMORADOS: CONSIDERAÇÕES SOBRE O DISCURSO AMOROSO EM DUAS NARRATIVAS FICCIONAIS DE ITALO CALVINO

MARIANE DE SOUSA OLIVEIRA*


Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (Cefet-MG), Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (Posling), Belo Horizonte, MG, Brasil.

Recebido em: 27 mar. 2023. Aprovado em: 25 maio 2024.

Como citar este artigo: OLIVEIRA, M. de S. Leitores e enamorados: considerações sobre o discurso amoroso em duas narrativas ficcionais de Italo Calvino. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 24, n. 2, p. 330-347, maio/ago. 2024. DOI: 10.5935/cadernosletras.v24n2p330-347

Resumo

O objetivo deste artigo é investigar a questão do amor em dois textos de Italo Calvino, a partir dos aspectos contato, abandono de tarefas, ausência e ciúme, tal como apontados por Roland Barthes (1981) em *Fragmentos de um discurso amoroso*. Para tanto, tomamos como objetos de investigação dois personagens leitores (Leitor e Amedeo) e seus amores, presentes, respectivamente, no romance *Se um viajante numa noite de inverno* (1999) e no conto “A aventura de um leitor”, publicado na obra *Os amores difíceis* (2008), com a finalidade de

* E-mail: marianesousaoliveira1@gmail.com
 <https://orcid.org/0000-0002-5284-4235>

observar a interação entre sujeitos e objetos do discurso amoroso nesses textos ficcionais de Calvino.

Palavras-chave

Leitura. Amor. Italo Calvino.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em uma das *Notas para uma definição do leitor ideal*, Alberto Manguel (2020, p. 164) afirma: “Os leitores ideais teriam se beijado e continuado a ler. Um amor não exclui o outro”. Nesse sentido, podemos considerar os leitores protagonistas do romance *Se um viajante numa noite de inverno*,¹ de Italo Calvino (1999), como leitores ideais, uma vez que eles não dissociam o amor pelo outro do amor pela leitura. Ao contrário, o amor que ambos nutrem pela leitura leva-os a se identificar um com o outro e a se aproximar. Após se conhecerem em uma livraria por ocasião de um incidente envolvendo um livro adquirido por ambos, Leitor e Ludmilla desenvolvem um relacionamento amigável com os objetivos de trocar impressões de leitura, evitar outros problemas com os livros que escolheram em substituição aos livros defeituosos e aumentar as chances de encontrarem mais facilmente um exemplar inteiro. Assim, a ocasião proporcionada pela livraria acabou tornando-se o início de uma cooperação entre os leitores.

O Leitor, apaixonado por livros e predisposto a se apaixonar pela leitora, empreende uma busca incansável e inalcançável pela continuação dos romances que lhe caem nas mãos e uma busca simultânea pela leitora (afinal, um amor não exclui o outro) que, assim como os romances, sempre lhe escapa. Mas ao final da narrativa, quando o Leitor vai à biblioteca com a lista dos livros pelos quais busca, frustra-se mais uma vez. Contudo, a busca pela leitora resulta positiva: “Agora vocês são marido e mulher, Leitor e Leitora. Um grande leito matrimonial acolhe suas leituras paralelas” (Calvino, 1999, p. 263).

¹ Esta obra é composta por *incipit* de romances entre os quais há um com o mesmo título: “Se um viajante numa noite de inverno”. Para diferenciarmos, doravante toda vez que nos referirmos à obra utilizaremos o termo *Viajante* e, quando nos referirmos ao *incipit*, utilizaremos o título completo.

Esse vínculo amoroso estabelecido entre Leitor e Ludmilla por intermédio da leitura foi discutido com mais profundidade no trabalho *El placer de leer y ser leído: simetría entre amor y lectura en la novela de Ítalo Calvino Si una noche de invierno un viajero*, da pesquisadora Claudia Inés Arias Trujillo (2012), investigação a partir da qual ela conclui que há uma relação entre leitura, Ludmilla e o amor de modo que o narrador do romance coloca esses três agentes no mesmo nível para mostrar que o amor que se nutre por uma mulher se assemelha à leitura como um ato de amor. Essa consideração dialoga diretamente com o que pretendemos fazer aqui ao propormos a investigação do discurso amoroso que envolve leitor, mulher e livro.

Em *O demônio da teoria: literatura e senso comum*, no capítulo dedicado à discussão sobre a relação do leitor com a literatura, Antoine Compagnon (1999, p. 143) afirma que “A leitura tem a ver com empatia, projeção, identificação. Ela maltrata obrigatoriamente o livro, adapta-o às preocupações do leitor”. Por essa razão, o relacionamento entre Leitor e Ludmilla se efetiva: a identificação e empatia um pelo outro e de ambos pela leitura os acompanha ao longo de toda a busca. O mesmo não pode ser dito de Amedeo e a veranista, protagonistas do conto “A aventura de um leitor”. Ao contrário do Leitor e Ludmilla, que formam um casal de leitores com um objeto de interesse em comum, Amedeo e a veranista não possuem um ponto de ligação. O rapaz adora ler, recolhe-se em uma parte isolada da praia para abandonar-se às suas leituras, já a mulher não se entretém com a leitura e recolhe-se próxima ao leitor para tomar sol. A presença da mulher desperta interesse no leitor, incomoda-o, tira-o de seu recolhimento com a leitura. Ele se sente atraído por ela, mas, ao mesmo tempo, não consegue abandonar o prazer da leitura. Sobre o envolvimento amoroso entre Amedeo e a veranista, Marcia Valeria Sampaio (2018, p. 478) observa: “Uma vez que o contato é estabelecido, o protagonista vive momentos de anedótica tormenta tentando conciliar a sedução à leitura do romance, mas sempre privilegiando esta última opção [...]”. Assim, ele trava um conflito interno. Não consegue decidir o que mais quer: se a leitura ou uma aproximação com a mulher, dúvida que o desconcerta e persegue ao longo de todo o seu retiro, mas acaba sempre pendendo para a leitura do romance.

Se Leitor e Ludmilla simbolizam a união do afeto e a leitura, Amedeo sofre com o confronto desses dois amores. Em ambas as narrativas, no entanto, o discurso amoroso ocupa uma posição central, sobretudo no que diz respeito à leitura como um ato de amor, ainda que no primeiro caso esse discurso

seja abordado em um sentido positivo de harmonia e comunhão e no outro, de confronto. Assim, neste artigo propomos traçar algumas considerações a respeito do discurso amoroso que permeia os dois textos de Italo Calvino, tomando como ponto de reflexão os aspectos *contato*, *abandono de tarefas*, *ausência* e *ciúme* descritos entre os *Fragmentos de um discurso amoroso*, de Roland Barthes (1981), a fim de observar a interação entre leitor-mulher-livro e de compreender como se dá a construção desse discurso amoroso; afinal, conforme Sampaio (2018, p. 478-479) argumenta: “O que se percebe na narrativa de Calvino é que o autor parte da lógica de que, para falar sobre o prazer de ler, é preciso se debruçar sobre aquele que o sente”.

CONTATO: COMENTANDO O OUTRO COM QUEM ENTENDE DO ASSUNTO

Antes de adentrarmos nos fragmentos eleitos para a observação aqui proposta, gostaríamos de salientar que em ambas as narrativas o trio é composto por um homem leitor, uma mulher e a leitura: no *Viajante*, a mulher, Ludmilla, também é leitora, ao passo que, em “A aventura de um leitor”, a veranista não demonstra tanto apreço pela leitura. Barthes (1981, p. 89) afirma: “Vejo o outro duplamente: ora o vejo como objeto, ora como sujeito; hesito entre a tirania e a oblação”. Assim, o posto de sujeito e objeto é cambiável dentro do discurso amoroso, ou seja, tanto os leitores como as mulheres podem assumir ora o papel de sujeito (aquele que ama) ora de objeto (aquele/aquilo que é amado) no discurso amoroso. Dito isso, iniciamos a discussão atentando-nos para o aspecto do contato que, entre os *Fragmentos de um discurso amoroso* de Barthes (1981, p. 54, grifo do autor), diz respeito à identificação que se estabelece entre sujeitos que amam o mesmo objeto:

Aquele/aquela com quem posso falar do ser amado, é aquele/aquela que o ama tanto quanto eu, como eu: meu simétrico, meu rival, meu concorrente (a rivalidade é uma questão de posição). Posso então, finalmente, comentar o outro *com quem entende do assunto*; produz-se uma igualdade de saber, um gozo de inclusão; nesse comentário o objeto não é nem afastado nem rasgado; permanece interior ao discurso dual, protegido por ele.

Considerando esse aspecto, por exemplo, Ludmilla é, juntamente com o Leitor, sujeito; o fato de amarem o mesmo objeto faz com que os sujeitos tenham algo em comum, tenham sobre o que conversar, impressões a compartilhar um com o outro. É o que sucede aos protagonistas do *Viajante*. Conforme mencionamos anteriormente, o primeiro contato deles ocorre em função de sua identificação com um mesmo objeto: um livro. O Leitor adquire o livro *Se um viajante numa noite de inverno*, que apresenta defeitos que impossibilitam a leitura, e, diante disso, ele se coloca em marcha até a livraria com o objetivo de trocar o exemplar por um novo. Ao chegar lá, o Leitor interpela o livreiro, e este explica o seguinte: “Por um erro de encadernação, as folhas do referido volume estão misturadas às de outro livro, o romance *Fora do povoado de Malbork*, do polonês Tatus Bazakbal” (Calvino, 1999, p. 35); e acrescenta que a editora pede desculpas pelo transtorno e se compromete a resolvê-lo o mais breve possível.

Em seguida, o livreiro oferece ao Leitor a possibilidade de trocar o exemplar por um novo, mas, já envolvido pela trama que lera pensando ser o livro de Calvino, ele solicita ao livreiro um exemplar do romance polonês; e ele responde: “Como preferir. Há pouco veio uma cliente com o mesmo problema e também quis trocar pelo polonês. Há uma pilha de Bazakbal naquela mesa, bem ali, debaixo do seu nariz. Sirva-se” (Calvino, 1999, p. 35). E, dirigindo-se à mesa que o livreiro indicara, o Leitor avista a leitora:

Lá está ela, entre duas estantes da livraria; está procurando entre os Penguin Modern Classics, corre o dedo delicado e resoluto pelas lombadas cor de berinjela clara. Olhos grandes e irrequietos, pele corada e boa, cabelos profusos e vaporosos. E assim a Leitora faz sua feliz entrada no campo visual de você, Leitor, ou, mais precisamente, no campo de sua atenção (Calvino, 1999, p. 35-36).

De súbito o Leitor se anima diante da coincidência formidável, da identificação proporcionada pela experiência de encontrar seu simétrico, o outro sujeito com quem compartilhar seu objeto amado, e vislumbra a possibilidade de uma convivência futura:

Sua leitura não é mais solitária: pense na Leitora, que neste exato momento também está abrindo o livro, e eis que ao romance a ser lido se sobrepõe um possível romance a ser vivido, a sequência de sua história com ela, ou melhor, o início de uma possível história (Calvino, 1999, p. 39).

Já o encontro entre Amedeo, o personagem do conto “A aventura de um leitor”, com a veranista, acontece de uma forma mais descontraída. Após recolher-se a uma parte isolada da praia para ler sem ser interrompido, em uma das suas levantadas de cabeça para refletir sobre o que acabou de ler, a visão da mulher seminua se impõe no horizonte da leitura e perturba a concentração do nosso leitor:

[...] conforme as inspirações e as conversas dos meses de vida citadina, Amedeo escolhia cada ano certos livros famosos para reler e certos autores para enfrentar pela primeira vez. E ali no rochedo os liquidava, detendo-se nas frases, erguendo frequentemente os olhos da página para refletir, juntar as ideias. A certo ponto, assim erguendo os olhos, viu que na prainha de seixos do fundo da enseada viera se estender uma mulher (Calvino, 2008, p. 85).

Esse erguer os olhos corresponde, segundo Barthes (2004, p. 26), a uma leitura “ao mesmo tempo irrespeitosa, pois que corta o texto, e apaixonada, pois que a ele volta e dele se nutre”. Ao invadir o campo de alcance desse levantar de olhos, a veranista torna-se, também ela, um objeto de leitura que desperta a paixão do leitor. Amedeo percebeu que, “ao ler, cada vez com mais frequência suspendia o olhar do livro e o pousava no ar; e este ar era aquele que estava no meio entre aquela mulher e ele” (Calvino, 2008, p. 85). Assim como no *Viajante*, o encontro entre os dois sujeitos se dá a partir do objeto livro. Mas se, no primeiro caso, o livro funciona como um ponto de convergência, no segundo parece ser o contrário. Porque lia erguendo os olhos, Amedeo avistou a mulher. Mas a visão dela o perturba de tal forma que a cadência da leitura é interrompida, e ele já não se dá conta do que está fazendo: “Agora o mesmo olhar que percorria as linhas encontrava, cada vez que era para voltar ao começo, um pouquinho depois da margem da página, as pernas da veranista solitária” (Calvino, 2008, p. 86). Dividido entre ler o livro e apreciar a mulher, Amedeo entra em um conflito interno e ora escolhe o livro, ora escolhe a mulher.

Mas, ao contrário do Leitor e Ludmilla, que se identificam por nutrirem, ambos, o mesmo sentimento em relação ao livro e à leitura, Amedeo não compartilha seu prazer pela leitura com a mulher que lhe desperta, também, prazer. Há uma rivalidade entre os objetos amados (desejados). Razão pela qual a mulher questiona o porquê de ele estar sempre lendo: “– Afinal, você nunca se cansa de ler? – disse a mulher. – Não se pode dizer que seja uma boa companhia!

Não sabe que com as senhoras se deve conversar? [...]” (Calvino, 2008, p. 93). Esse questionamento alarma o leitor, pois sua paixão pelos livros é anterior ao seu desejo pela mulher. E nesse exato momento ele se dá conta de que terá que escolher entre os dois: ““Onde foi que me meti, vindo para cá”, pensou. Agora estava claro que com aquela mulher ao lado não leria mais uma linha” (Calvino, 2008, p. 93).

Dessa forma, ao compararmos os dois pares (Leitor/Ludmilla e Amedeo/veranista), obtemos uma legitimação do fragmento barthesiano a respeito da identificação entre enamorados apaixonados pelo mesmo objeto: aquele com quem um sujeito fala sobre o objeto amado o ama tanto quanto ele. Leitor e Ludmilla amam o livro, e, portanto, o livro é um assunto em comum, sobre o qual ambos confabulam em perfeito entendimento. Amedeo se importa com livros e leituras, a veranista, não. Nesse sentido, torna-se inapropriado falar sobre livros com a mulher, que se sente desprezada, e o leitor fica em uma posição desconfortável de escolher entre o livro e a mulher. Ou seja, a não identificação compromete a possibilidade de um envolvimento amoroso. A necessidade de escolher um implica abandonar o outro. Uma vez evocada a questão do abandono, vejamos a seguir como ela é trabalhada nas relações entre leitor-mulher-livros.

ABANDONO DE TAREFAS (DES)INTERESSANTES

Outra questão que permeia o discurso amoroso é a capacidade que o sujeito tem de deixar seus afazeres de lado e investir o tempo no(s) objeto(s) amado(s): “Abandono alegremente tarefas desinteressantes, escrúpulos razoáveis, condutas reativas, impostas pelo mundo, em benefício de uma tarefa inútil, vinda de um Dever remarcável: o Dever amoroso” (Barthes, 1981, p. 17). No entanto, arriscamos dizer que há abandono, também, de tarefas interessantes. No capítulo que abre a narrativa do *Viajante*, ao descrever a rotina do Leitor e os acontecimentos envolvendo a compra do *Se um viajante numa noite de inverno*, bem como a expectativa e os rituais que precedem a leitura, o narrador do romance comunica algumas pistas de que o Leitor é um indivíduo atarefado: frequenta um escritório, dirige, reserva um tempo para frequentar a livraria. Como sujeito apaixonado por livros, esse Leitor abandona todas essas tarefas ao se abandonar à leitura. Ao perceber que a narrativa se

interrompe em determinado ponto, ele deixa seus afazeres do dia a dia e parte em busca da continuação, sem pestanejar.

Quanto a Amedeo, ele corrobora a ideia de que também as tarefas interessantes conhecem o abandono, uma vez que, embora ele goste de ler, sinta prazer em enfrentar os desafios físicos e mentais impostos pelo exercício da leitura, a aparição da mulher o faz hesitar, confunde seus desejos. Ele não sabe o que mais quer: se a leitura ou a mulher. Assim, ele se impacienta com a leitura e, nesses momentos furtivos em que a leitura se torna monótona, entediante, resvala-se em direção à mulher. Uma vez com ela, a impaciência e a monotonia reincidentem, e a leitura emerge mais interessante, atrativa, de modo que a mulher vira o motivo de abandono.

Nesse sentido, observamos que o Leitor ama a leitura e se apaixona por Ludmilla que, por sua vez, também ama a leitura. Para ele essa atitude de abandonar tarefas que considera desinteressantes (nesse caso, obrigações laborais e cotidianas) se torna corriqueira. Amedeo ama a leitura e nutre um interesse crescente pela mulher que, por sua vez, não ama a leitura. Assim, a leitura não pode ser o elo entre eles, o que força Amedeo ao abandono de uma tarefa que ele considera interessante (nesse caso, a leitura) e o leva a uma possível história com a mulher, ou a sacrificar a possibilidade de uma futura convivência com a mulher, caso ele escolha a leitura, desencadeando, assim, uma tortura, um tormento impulsionado pela dúvida: será que essa tarefa é realmente digna de abandono, para que o tempo que dedico a ela seja investido em outra demanda? Será esse o objeto que mais amo?

Amedeo deixa a leitura de lado para ficar com a mulher e depois deixa a mulher para retornar à leitura. Mas, ao contrário do Leitor, que abandona suas obrigações para ficar com Ludmilla, seguir as pistas que o levam à continuação dos livros que lê, e não se ressentir, Amedeo fica pensando naquilo que abandonou:

Fora dos reflexos de ouro, a água escurecia seu azul, como se lá embaixo, do fundo, aflorasse uma obscuridade de tinta. Não adiantava, nada igualava o sabor de vida que está nos livros. Amedeo, passando por cima de certas pedras barbudas no meio da água e orientando a mulher assustada [...], voltava cada vez com mais frequência o olhar para a toalha, onde se destacava a capa colorida do volume. Não havia outra história, outra espera possível além daquela que ele deixara em suspenso entre as páginas onde estava o marcador, e todo o resto era um intervalo vazio (Calvino, 2008, p. 91-92).

A leitura que, embora irrespeitosa é apaixonada, como vimos em Barthes (2004) anteriormente, faz com que o leitor volte sua atenção para o livro, mesmo que a promessa de uma aventura o tenha afastado dele. A suspensão e a interrupção da narrativa para realizar a busca pela experiência concreta fazem com que o interesse dele pela leitura aumente exponencialmente. Uma vez longe do texto, ele percebe que é com ele que deveria estar. Assim, a dúvida que Amedeo enfrenta ao não estabelecer o que pode ser deixado para fazer depois e o que é prioridade, objeto de sua paixão, pode provocar uma sensação de alucinação, um estado de loucura; afinal, conforme Barthes (1981) argumenta, o sujeito enamorado faz coisas loucas e é a única testemunha de sua loucura. Ademais, o abandono tem como consequência a ausência.

AUSÊNCIA: SÓ PODE SER DITA A PARTIR DE QUEM FICA?

Sobre a ausência no discurso amoroso, Barthes (1981, p. 27, grifos do autor) advoga:

Ora, só há ausência do outro: é o outro que parte, sou eu que fico. O outro vive em eterno estado de partida, de viagem; ele é, por vocação, migrador, quanto a mim que amo, sou por vocação inversa, sedentário, imóvel, disponível, à espera, fincado no lugar, *não resgatado* como um embrulho num canto qualquer da estação. A ausência amorosa só tem um sentido, e só pode ser dita a partir de quem fica – e não de quem parte: *eu*, sempre presente, só se constitui diante de *você*, sempre ausente.

Em relação ao Leitor e seus amores (livros e Ludmilla), podemos dizer que, de fato, esses “outros” do Leitor estão em constante estado de partida: os livros cuja leitura ele inicia e cujo final ele antegoza sempre se interrompem por alguma razão que foge ao seu controle. Um por erro de encadernação, outro por erros de impressão, outro, ainda, pelo suicídio de seu autor; enfim, o livro está sempre escapando ao Leitor. Ludmilla, igualmente, lhe escapa. Mas, contrariando a assertiva de Barthes, esse Leitor não fica à espera de seus outros, não fica parado, fincado, ele parte em busca do outro, se desloca, viaja ao encontro dele.

Além do mais, se há a identificação entre aquele que ama e aquele(s) que é(são) amado(s), como já supomos anteriormente, a ausência emerge dos dois

lados: tanto a leitora e os livros são ausentes para o Leitor quanto o Leitor é ausente para eles. Se o objeto amado é viajante e o Leitor se coloca em movimento de busca, ele também se assemelha a um viajante, um explorador. A ausência seria, portanto, um pretexto, um motivo que faz com que os sujeitos se desloquem em busca um do outro até se encontrarem.

Amedeo, da mesma forma, está em uma posição de deslocamento. Por questionar-se sobre qual dos dois objetos desperta-lhe mais prazer, a mulher ou o livro, ele vive em um eterno deslocar-se de um para o outro. E ao escolher um em detrimento do outro, um dos objetos acaba personificando a ausência, como na passagem a seguir, que narra o momento em que Amedeo, após negociar com suas possibilidades, finalmente decide abandonar um pouco a leitura para interagir com a mulher:

Fechou o livro com o marcador e se levantou; sua decisão não podia vir em melhor hora: exatamente naquele momento a senhora se separava do grupinho de rapazes, dispondo-se a voltar para o seu colchão. Amedeo se deu conta disso enquanto já chegava perto e sentiu necessidade de dizer logo alguma frase em voz alta. [...] tinham começado a conversar, mas não importava, porque Amedeo ia logo voltar para o livro que o estava esperando; bastava-lhe dar uma olhada na água-viva, e por isso reconduziu a senhora bronzeada, para que avançasse pelo meio do círculo dos rapazinhos (Calvino, 2008, p. 88).

Quando deixa o livro para escapar com a mulher, o livro, que é um objeto amado, se ausenta; o sujeito afasta-se do objeto amado e desloca-se, assim como o Leitor. Quando opera o movimento contrário, e escolhe o livro, a mulher se torna ausente, assim como Amedeo se ausenta da companhia dela. Em todo caso, a ausência pode fracassar a relação que se pretende construir a partir da identificação entre os sujeitos, do abandono de deveres para desfrutar da presença do outro.

CIÚME: MEDO DE QUE A PESSOA AMADA PREFIRA O OUTRO

O menor fragmento selecionado – “CIÚME. ‘Sentimento que nasce no amor e que é produzido pelo medo de que a pessoa amada prefira um outro’ (Littré)” (Barthes, 1981, p. 46) – é, talvez, o que rende a maior discussão. Esse medo de que a pessoa amada prefira um outro pode ser verificado em ambos

os textos narrativos. No *Viajante*, além do Leitor, temos outras personagens que se deslumbram com Ludmilla e a elegem como objeto de seu desejo: Ermes Marana, o tradutor, e Silas Flannery, o escritor.

O Leitor, desde o encontro na livraria e a suposição de um futuro ao lado da leitora, demonstra seu ciúme, isto é, seu medo de que ela prefira um outro. Isso acontece quando o Leitor visita a casa de Ludmilla e é surpreendido pela aparição de Irnerio (amigo de Ludmilla), que alega sentir-se bem na casa da moça e, assim, demonstra certa intimidade: “O desapontamento por ver Irnerio entrar na casa de Ludmilla como se estivesse na própria casa é mais forte que o incômodo de você encontrar-se ali quase escondido” (Calvino, 1999, p. 152). Outro momento em que o Leitor é assaltado pelo ciúme é quando encontra na casa de Ludmilla vestígios do passado dela com Marana e descobre o envolvimento entre os dois:

Irnerio pega o volume entre dois dedos, dirige-se para uma portinha, abre-a, joga o livro lá dentro. Você o segue; enfia a cabeça num cubículo escuro; vê uma mesa com máquina de escrever, gravador, dicionários, um calhamaço de papéis. Você pega a folha que serve de frontispício, leva-a até a luz, lê: “Tradução de Ermes Marana”. Você parece fulminado por um raio. Lendo as cartas de Marana, a todo momento você parecia encontrar Ludmilla... (Calvino, 1999, p. 155).

E, ainda, em um momento de sua busca, o Leitor acaba constatando que a busca pelos livros nada mais é que a busca por Ludmilla:

A sequência do livro interrompido, que lhe comunicava uma excitação especial porque você a procurava ao lado da Leitora, não é outra coisa senão a busca por Ludmilla, que lhe escapa num sem-número de mistérios, de enganos, de disfarces... (Calvino, 1999, p. 155).

Já Marana “Parecia que fazia tudo por uma mulher. Para reconquistá-la, ou quem sabe só para ir à desforra, para ganhar uma aposta com ela” (Calvino, 1999, p. 242). O tradutor relacionara-se com Ludmilla, mas, após perceber que entre ele e ela sempre haveria um rival (a voz invisível dentro dos livros que ela lê), ele decide utilizar seus conhecimentos, as atribuições de sua profissão, para descreditar essa voz, assumir seu lugar. Flannery, por seu turno, vê em Ludmilla sua leitora ideal: “Creio que essa Ludmilla bem poderia ser minha leitora ideal” (Calvino, 1999, p. 190), razão pela qual a ama.

Assim, dominado pelo medo de que a leitora prefira outro, o escritor tenta afastar dela aqueles que considera uma ameaça, seus rivais. Por isso, fornece ao Leitor, que o procurou por ocasião de sua busca por um dos romances interrompidos, uma falsa pista com o objetivo de mandá-lo para longe de Ludmilla e, assim, não correr o risco de perdê-la: “O importante para mim é que esse importuno se afaste o máximo possível de Ludmilla; assim, encorajei-o a fazer a viagem e realizar investigações as mais minuciosas até achar o tradutor-fantasma” (Calvino, 1999, p. 201). Os três (Leitor, Marana e Flannery) encarnam, nesse sentido, a figura do ciumento, uma vez que, por amor, querem afastar do objeto amado seus concorrentes. Todos eles buscam Ludmilla só para si, se recusam a correr o risco de que ela se aproxime dos outros e prefira um deles, e, ao afastá-los dela, negam à moça a virtude da perfeição, pois, conforme afirma Barthes (1981, p. 47), “se eu não aceitar a repartição do ser amado, nego sua perfeição, pois é próprio da perfeição ser repartida”.

Já em relação a Amedeo e à veranista, o ciúme acomete a mulher. Como discutimos ao longo deste trabalho, Amedeo parece oscilar entre o amor pela leitura e a paixão pela mulher. Contudo, o amor pela leitura é anterior à mulher, ele já tinha o hábito de se retirar da vida cidadina para se isolar e desfrutar de suas leituras. Mas a mulher não parece acostumada a ser trocada e rivalizada, uma vez que repreende o leitor por ler demais em vez de conversar com ela, dedicar-lhe atenção. Após esse confronto, Amedeo tenta retomar a leitura, já que a falta de conversa desagrada à mulher, mas consciente de que já foram longe demais nas interações para suspendê-las bruscamente, reflete sobre outra saída: “O que podia tentar, ao contrário, era fazer com que essa tensão externa tivesse por assim dizer um curso paralelo ao da outra, de modo a não ter de renunciar nem à senhora nem ao livro” (Calvino, 2008, p. 94).

Esse curso paralelo pode, também, ser reconhecido nas duas narrativas. Em ambos os textos, a consumação do envolvimento amoroso se dá a partir do sexo e ocorre precedida ou seguida por uma cena de ciúme. No *Viajante*, como vimos há pouco, o Leitor visita a casa de Ludmilla e se sente especial com essa liberdade que rui quando ele vê Irnerio “invadindo” a casa e se sentindo à vontade, como se fosse sua própria casa. Seu desconforto se intensifica quando ele descobre as coisas de Marana na casa de Ludmilla, confirmando suas suspeitas de que os dois se conheciam, tinham uma ligação. As recentes descobertas abalam o Leitor de modo que, quando Ludmilla chega em casa, ele demonstra seu incômodo, desencadeando, assim, a cena de ciúmes relatada no diálogo a seguir:

Vocês sentam-se para tomar chá. Innerio também deveria estar ali, mas sua poltrona está vazia.

- Ele estava aí. Aonde terá ido?
- Ora, deve ter saído. Ele vai e vem sem dizer nada.
- Entra e sai como se estivesse na casa dele?
- Por que não? Você entrou como?
- Eu e tantos outros!
- Mas o que é isso? Uma cena de ciúmes?
- E que direito eu teria? (Calvino, 1999, p. 157).

A tensão gerada pelo ciúme, que por sua vez advém da insegurança e ou do medo de que o ser amado prefira um outro, conforme vimos com Barthes (1981), acaba gerando a oportunidade da consumação do relacionamento, quando Leitor e Ludmilla reúnem-se na cama: “Vocês estão juntos na cama, Leitor e Leitora. É chegado, enfim, o momento de tratá-los no plural, tarefa muito comprometedora, pois equivale a considerá-los um só sujeito” (Calvino, 1999, p. 158). O ciúme, pois, une os sujeitos em um só. Um torna-se objeto de desejo do outro e, entretanto, objeto de leitura:

Leitora, eis que agora você está sendo lida. Seu corpo está sendo submetido a uma leitura sistemática, mediante canais de informação táteis, visuais, olfativos, e não sem intervenções das papilas gustativas. [...] Também você, ó Leitor, é entretanto um objeto de leitura: a Leitora ora lhe passa o corpo em revista como se percorresse o sumário, ora o consulta como se tomada por uma curiosidade rápida e precisa, ora se demora interrogando-o e deixando que uma resposta muda chegue a ela, como se toda inspeção parcial só a interessasse à luz de um reconhecimento espacial mais amplo (Calvino, 1999, p. 159).

Retomando a ideia da identificação, podemos observar que, nesse caso, o livro é o elemento central do relacionamento amoroso. Talvez o Leitor ame Ludmilla porque a vê da mesma forma como vê um livro, com a mesma ternura e encantamento. O mesmo pode se dizer da leitora: talvez ela ame o Leitor porque, como os livros, ele também é passível de ser lido. Ademais, a reunião na cama, a fusão de ambos em um só, a paixão compartilhada pelo mesmo objeto (o livro) demonstra que o livro seria, de fato, “uma cooperativa: ‘Leitores e Enamorados Reunidos’” (Barthes, 1981, p. 2).

Mas, se o Leitor e Ludmilla encontraram o “curso paralelo” do qual falamos anteriormente, ou seja, o equilíbrio entre o amor pela leitura e o amor pelo outro, não podemos dizer o mesmo de Amedeo e da veranista:

Virou-se para ela e a beijou. Separaram-se e se beijaram de novo. Depois ele tornou a baixar a cabeça em cima do livro e recomeçou a ler. Enquanto pudesse, queria avançar na leitura. Seu receio era de que não conseguisse terminar o romance: o início de uma relação balneária pode significar o fim de suas calmas horas de solidão, um ritmo completamente diverso que tomava conta de seus dias de férias; e sabe-se que, quando se está todo mergulhado na leitura de um livro, ter que interrompê-la para retomá-la algum tempo depois faz perder o melhor do sabor: esquecem-se muitos detalhes, não se consegue mais entrar na coisa como antes (Calvino, 2008, p. 94).

Embora o leitor busque essa alternativa que lhe permite desfrutar da leitura e dedicar atenção à mulher, procura representada pelo movimento de alternância entre o beijo na mulher e a retomada da leitura interrompida, o livro, que é o amor mais antigo, anterior à mulher, acaba sempre pesando mais na escolha de Amedeo, que acaba inclinando-se para a leitura e negligenciando a possibilidade de se relacionar com a veranista. Se a relação de Leitor e Ludmilla acaba estendendo a leitura do livro para os corpos, e o prazer da leitura para o sexo, a relação entre Amedeo e a veranista provoca um conflito nele, que se vê em meio a uma disputa entre a mulher e o livro pelo seu desejo:

[...] abraçando-a e caindo junto com ela em cima do colchão, mal voltou a cabeça para o livro para controlar que não acabasse dentro da água. Tinha caído, em vez disso, bem ao lado do colchãozinho, aberto mas algumas páginas se viraram, e Amedeo, embora sempre no enlevo de seus abraços, tentou ter uma mão livre para pôr o marcador na página certa: nada mais aborrecido, quando se quer recomeçar a ler com pressa, do que ter que ficar folheando sem encontrar novamente o fio (Calvino, 2008, p. 96).

Embora iludido de que havia encontrado o equilíbrio quando alternava as carícias e a retomada da leitura, como visto há pouco, Amedeo percebe que não há como controlar a situação. O contato físico com a mulher não suplanta o contato físico com o livro. Uma vez que o fator de identificação, sobre o qual já discutimos neste trabalho, não se efetiva para esse par, a identificação e a unificação dos sujeitos não acontecem como vimos com o Leitor e Ludmila. Amedeo continua em uma situação de “cabo de guerra”, na qual ele é a corda puxada de um lado pela veranista e do outro lado pela paixão à leitura. Em vez de ler a mulher e desfrutar simultaneamente do prazer da leitura e do sexo, como faz o Leitor, ele precisa, até nesse momento que requer sua completa

dedicação à mulher, consultar seu livro, retomar sua leitura, marcar a página, não perder a experiência. O que podemos concluir, então, dessas considerações sobre o discurso amoroso envolvendo homens, mulheres e livros?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após todas essas considerações, podemos destacar que as personagens do *Viajante* (Leitor e Ludmilla) corroboram a maioria das assertivas que Roland Barthes propõe a respeito do discurso amoroso, selecionadas para esta análise, enquanto as personagens do conto “A aventura de um leitor” contrariam a maioria dos fragmentos barthesianos. No aspecto “contato”, por exemplo, Leitor e Ludmilla de fato identificam-se um com o outro por nutrirem um amor pelo mesmo objeto (o livro), mas Amedeo e a veranista, em vez de identificação, demonstram certo desentendimento desencadeado pelo fato de ele preferir ler a conversar com ela. No que diz respeito ao “abandono de tarefas”, como discutimos ao longo deste texto, o Leitor abandona seus deveres sem ressentimento para partir em busca dos objetos de seu amor, uma vez que seus deveres são desinteressantes, enquanto Amedeo deixa de lado a leitura para desfrutar da companhia da mulher, mas se arrepende, por tratar-se de uma tarefa envolvente da qual ele gosta de se ocupar, e começa a voltar com mais frequência o olhar em direção à enseada onde o livro ficou à espera.

No que diz respeito à “ausência”, o Leitor contraria a ideia de que a ausência só pode ser dita a partir daquele que fica e de que o sujeito apaixonado fica parado, à espera do amado. O Leitor se desloca no tempo e espaço em busca dos livros e da leitora; e sendo também ele um objeto amado, a ausência emerge dos dois lados: tanto a partir de quem fica quanto de quem parte. Amedeo permanece parado na praia, se comparado ao Leitor que se desloca geograficamente, embora em uma posição desconfortável de ter que escolher entre a mulher e o livro, de deixar momentaneamente a companhia de um para ir ao encontro do outro. Sua indecisão e seu arrependimento não lhe permitem permanecer com sua escolha, de modo que ele volta atrás, e o objeto que outrora era ausência torna-se seu amor e o seu amor torna-se ausência.

O “ciúme”, por fim, em ambos os casos leva ao ápice do envolvimento. O medo de que a mulher amada prefira um outro coloca a relação à prova, as personagens acabam consolidando o relacionamento amoroso na cama. Para

o Leitor e Ludmilla que, como visto nos fragmentos anteriores, possuíam uma ligação, um entendimento completo por amarem o mesmo objeto, a cama se torna a reunião dos leitores e dos enamorados, a fusão dos dois em um só. Amedeo, que não se identificava com a mulher no amor pelos livros e passou aquele passeio na praia dividido entre uma e outro, teve que lidar com a indecisão também no ponto culminante do envolvimento amoroso: a relação sexual. Não queria deixar o livro nem mesmo para tocar a mulher.

Dessa forma, podemos concluir estas considerações sobre o discurso amoroso nesses dois textos de Calvino com a hipótese de que o contato é determinante para o futuro do envolvimento amoroso. A harmonia estabelecida entre Leitor e Ludmilla, quando eles demonstram amar o mesmo objeto, leva-os a uma série de estágios do desenvolvimento de um relacionamento amoroso (abandono de tarefas, ausência, ciúme) que resulta em uma sintonia quase perfeita (fusão de sujeitos em um só). A não identificação, como a de Amedeo e da veranista, coloca em crise a interação, de modo que os estágios serão enfrentados com insegurança e dúvidas, e resultarão, possivelmente, em insatisfação.

Ademais, não podemos deixar de considerar que a relutância de Amedeo em abandonar a leitura para ficar com a mulher ou o completo abandono do Leitor à leitura atravessam a ideia de hedonismo da leitura, do qual trata Sampayo (2018, p. 474) ao afirmar que “pode-se e deve-se ler pelo simples prazer de ler, sem possíveis culpas ou constrangimentos por conta do hedonismo latente que essa possibilidade revela”. Parece haver na relação dessas personagens com a leitura algo de que não se abre mão. O prazer excessivo pela leitura se manifesta em Amedeo, no Leitor e em outras personagens de Italo Calvino, como a própria Ludmilla e, ainda, o senhor Crispino, o bibliotecário do conto “Um general na biblioteca”, que não só encontra prazer na leitura como dissemina esse prazer para outros ao sugerir leituras e propor reflexões aos militares que investigam os livros adequados e inadequados para a leitura. Cada vez que um tenente condena um livro por determinado motivo, o senhor Crispino sugere outras leituras que, ao complementarem aquela, ampliam o conhecimento sobre o assunto e suscitam reflexões, de modo que os militares passam, também eles, a se aprazerem com a leitura. Assim, o senhor Crispino salva os livros de um destino trágico e converte censores em leitores.

Para Calvino, é justamente o prazer de ler que salvará os livros da extinção. Após propor reflexões sobre o destino do livro em uma conferência

proferida em 1984 na Feira do livro em Buenos Aires, Calvino constata: “Seja como for, quem tem necessidade de ler, quem tem prazer de ler (e ler é certamente uma necessidade-prazer), vai continuar recorrendo aos livros, aos do passado e aos do futuro” (Calvino, 2015, p. 128). Em outras palavras, enquanto existirem leitores apaixonados, enquanto existirem Amedeos, Leitores, Ludmillas e senhores Crispinos, para os quais a leitura é um elemento vital, uma necessidade e um prazer, ela não deixará de existir.

Readers and lovers: considerations on the love discourse in two fictional narratives by Italo Calvino

Abstract

The aim of this paper is to investigate the issue of love in two texts by Italo Calvino, from the aspects of contact, abandonment of tasks, absence and jealousy, as pointed out by Roland Barthes (1981) in *Fragmentos de um discurso amoroso*. For this, we take as objects of investigation two reader characters (Leitor and Amedeo) and their loves, present, respectively, in the novel *If a traveler in a winter night* (1999) and in the short story “The adventure of a reader”, published in the work *The difficult loves* (2008), in order to observe the interaction between subjects and objects of the love discourse in these fictional texts by Calvino.

Keywords

Reading. Love. Italo Calvino.

REFERÊNCIAS

ARIAS TRUJILLO, C. I. *El placer de leer y ser leído: simetría entre amor y lectura en la novela de Ítalo Calvino Si una noche de invierno un viajero*. 2012. Tesis (Doctoral en Hermenéutica Literaria) – Universidad Eafit, Medellín 2012. Disponível em: https://repository.eafit.edu.co/bitstream/handle/10784/1194/ClaudiaInes_AriasTrujillo_2012.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 20 mar. 2023.

BARTHES, R. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Tradução: Hortênsia dos Santos. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

BARTHES, R. Escrever a leitura *In*: BARTHES, R. *O rumor da língua*. Tradução: Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 26-29.

CALVINO, I. *Se um viajante numa noite de inverno*. Tradução: Nilson Moulin. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CALVINO, I. A aventura de um leitor. *In*: CALVINO, I. *Os amores difíceis*. Tradução: Raquel Ramallete. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 81-96.

CALVINO, I. O livro, os livros (1984) *In*: CALVINO, I. *Mundo escrito e mundo não escrito*: artigos, conferências e entrevistas. Tradução: Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 115-128.

COMPAGNON, A. O leitor. *In*: COMPAGNON, A. *O demônio da teoria*: literatura e senso comum. Tradução: Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999. p. 139-164.

MANGUEL, A. *Notas para uma definição do leitor ideal*. Tradução: Rubia Goldoni e Sérgio Molina. São Paulo: Edições Sesc, 2020. p. 163-166.

SAMPAIO, M. V. Leituras de um romance sobre o prazer de ler romances. *Anais do IX Sappil – Estudos de Literatura*, v. 1, n. 1, p. 474-483, 2018. Disponível em: <http://www.anaisdosappil.uff.br/index.php/IXSAPPIL-Lit/article/view/1104/0>. Acesso em: 20 mar. 2023.